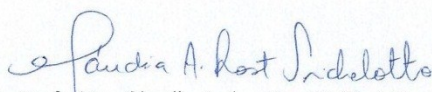


NAIANE CHIOCHETA

A SOCIOLINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA

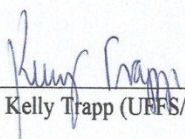
Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II, defendido em banca examinadora em 10/12/2015.



Orientadora: Prof.ª, Dra. Cláudia Andrea Rost Snichelotto

Aprovado em: 10/12/15

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª. Kelly Trapp (UFFS/ Chapecó)



Prof.ª. Mary Stela Surdi (UFFS/Chapecó)

Prof. Mary Neiva Surdi da Luz (UFFS – Chapecó/membro suplente)

Chapecó – SC, 10 de Dezembro de 2015.

A Sociolinguística no livro didático de Língua Portuguesa¹

Naiane Chiocheta²

naia_any@hotmail.com

RESUMO: Este artigo tem por pretensão verificar as convergências e as divergências entre as noções acerca de língua, gramática, variação e mudança linguísticas que perpassam o livro didático de português da coleção “Língua Portuguesa” e as orientações para o ensino de língua portuguesa dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio e do Guia de livros didáticos de língua portuguesa do ensino médio do Programa Nacional do Livro Didático de 2015. Nosso estudo fundamenta-se nos pressupostos teóricos da interface entre a Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008; 1978; 1994; 2001; 2003; 2010) e o ensino de língua (FARACO, 2007; BORTONI- RICARDO, 2004; GORSKI; COELHO, 2006; BAGNO, 2007; 2009, entre outras). Foram analisadas as seções de análise linguística propostas no volume 1 da coleção adotada pelos professores de português do nível médio de uma escola estadual, localizada na cidade de Coronel Freitas, em Santa Catarina. Esta pesquisa nos permitiu perceber de maneira consistente as convergências e as divergências entre as noções (acima citadas) do livro didático de língua portuguesa e dos documentos oficiais, já que se parte da hipótese de que circula nos primeiros com grande frequência algumas distorções do conceito a respeito da língua, que não colabora em nada para que possamos construir uma democracia linguística no Brasil.

PALAVRAS CHAVE: variação linguística, português, livro didático.

Introdução

Quando folheamos alguns livros didáticos de português de ensino médio, objeto desta pesquisa, percebemos que eles ainda dicotomizam os conteúdos dessa disciplina em leitura/literatura, produção de textos e estudos gramaticais. . No caso destes últimos, o eixo principal parece ainda centrar-se no entendimento da nomenclatura gramatical: “descrição e norma se confundem na análise da frase, essa deslocada do uso, da função e do texto” (BRASIL, 2000, p.16). Esse fato nos chamou a atenção e nos motivou a investigar quais noções acerca de língua, gramática, variação e mudança linguísticas perpassam o livro didático de português da coleção “Língua Portuguesa”, das autoras Roberta Hernandez e Vima Lia Martin, aprovada pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) do Ministério da Educação. Esta coleção de livros é adotada pelos docentes de português do nível médio da Escola Estadual Délia Regis³, localizada no município de Coronel Freitas, em Santa Catarina, única instituição no município que oferece esse nível de ensino. Também pretendemos verificar se é promovida a discussão

¹ Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientadora Prof(a). Cláudia Andrea Rost Snichelotto.

² Acadêmica da 8ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó.

³ A escola Délia Regis conta com uma média de 260 alunos cursando o ensino médio que é ofertado nos turnos matutino, vespertino e noturno.

sobre preconceito linguístico, no livro didático, ou se são disseminados apenas conceitos de “certo” ou “errado,” como tradicionalmente é feito por muitos manuais de gramática.

Esta análise se propõe a verificar as convergências e as divergências entre as noções acerca de língua, gramática, variação e mudança linguísticas que perpassam o livro didático de português da coleção “Língua Portuguesa e as orientações para o ensino de língua portuguesa dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM) e do guia de livros didáticos de língua portuguesa do ensino médio do PNLD de 2015. Também será fundamentada nos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008; 1978; 1994; 2001; 2003; 2010) cujo objeto de estudo é a língua no contexto social da comunidade de fala. Os estudos nessa perspectiva têm motivado a construção de novas propostas de ensino da língua portuguesa que enfatizam as situações reais do uso da língua em que os alunos estão inseridos.

Este artigo visa contribuir com as pesquisas que se tem feito sobre a variação e mudança linguística, em especial as pesquisas que tratam da interface postulada entre a variação e o ensino de língua (FARACO, 2007; BORTONI- RICARDO, 2004; GORSKI; COELHO, 2006; BAGNO, 2007; 2009, entre outras).

Esperamos, com este estudo, perceber as convergências e as divergências entre as noções que circulam na coleção de livros didáticos de língua portuguesa analisada e nos documentos oficiais, já que se parte da hipótese de que circula nos primeiros com grande frequência algumas distorções a respeito do ensino de língua materna, “que não colabora em nada para que possamos construir uma democracia linguística no Brasil”(BAGNO, 2007, p.115). Também é perpetuada pela escola, pelos livros didáticos e pela mídia o entendimento equivocado de que o Brasil é um país monolíngue, ignorando o plurilinguismo do país “que se manifesta inclusive dentro de uma mesma língua.” (GÖRSKI; FREITAG, 2008)

É sabido que o livro é uma ferramenta didático pedagógica fundamental bastante utilizada nas salas de aula, visto que são uma das fontes de acesso ao saber de que dispõe alunos e professores. Durante muito tempo, os livros de língua portuguesa traziam uma seleção de textos literários de autores consagrados que serviam como base para atividades de interpretação e estudo das estruturas linguísticas. Porém, com as novas orientações pedagógicas dos documentos oficiais, viu-se a necessidade de rever a forma como era tratado o ensino de língua portuguesa nos livros,

[...] já que se baseavam na tendência linguística de abordagem estrutural, que trata as línguas como sendo homogêneas em sua estrutura. Dessa forma ficava clara a insuficiente importância dada ao tratamento da língua em seu uso real omitindo a variação e a mudança linguística inerente à língua.(SANTOS, 2011, p. 1006)

Dada a importância do livro didático em sala de aula e a carência de reflexões neste material sobre a variação e a mudança linguística, incumbe ao professor de língua portuguesa a tarefa de apresentar materiais complementares que tratem sobre esse tema para que as aulas promovam de fato a consideração sobre o uso da língua na vida e na sociedade.

1. As fontes teóricas

Nesta seção, apresentaremos algumas noções de língua e gramática que ainda embasam livros didáticos de língua portuguesa no país, bem como reproduziremos alguns pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguísticas. Discorreremos também sobre a interface entre variação e ensino, trataremos de questões que se referem ao livro didático de português no ensino médio, observando a avaliação do guia do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2015. Por fim, abordaremos as orientações acerca do ensino de língua materna dos PCNEM de língua portuguesa.

1.1 Noções de língua e gramática

Apesar de avanços nos estudos feitos, sob diferentes perspectivas teórico-metodológicas, notadamente com enfoque na variação e mudança linguísticas, ainda vigora na mídia, nas escolas e nos livros didáticos, a concepção de que a língua é uma estrutura homogênea, inalterável, fixa e tudo nela se encaixa perfeitamente. Porém, as pesquisas variacionistas provam o contrário, que a língua é heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em processo de construção e reconstrução. Ou seja, a língua nunca estará permanentemente concluída, é um processo que está em constante movimento, uma atividade social efetuada pelos seus falantes toda vez que eles põem em prática a fala e a escrita.

Nessa perspectiva, a língua é uma estrutura, isto é, é concebida como “um sistema organizado formado por regras categóricas e regras variáveis, portanto, ao mesmo tempo em que possui estrutura também é dotada de variabilidade, ou seja, trata-se de um sistema heterogêneo” (COELHO, 2015, p. 59).

Todavia, “a confusão entre norma e gramaticalidade é o grande problema da gramática ensinada pela escola (BRASIL, 2000, p.16), pois confunde-se com a noção de um conjunto de regras que devemos obedecer. De acordo com Viana (2005, p. 34):

numa concepção homogênea (a chomskiana, por exemplo) existem várias gramáticas em uma língua, de forma que cada variação linguística representaria uma gramática diferente, cada uma homogênea e fechada em si mesma. Em contrapartida, numa concepção heterogênea de língua, a variação é a condição fundamental da língua, que é social, sendo que não há necessariamente uma gramática para cada variação porque a essência heterogênea da língua possibilita a operação de regras variáveis, além de regras categóricas.

O que acontece é que a gramática normativa— um conjunto de regras que devemos obedecer, tenta impor a concepção de que as normas linguísticas de um determinado grupo são mais corretas que as outras, isso acaba gerando rejeição ao se tratar dessa concepção.

Outro ponto que vem sendo confundido, principalmente nas escolas, são as noções de norma culta e norma padrão. Segundo Bagno (2007), embora sejam conceitos diferentes, às vezes, são tratados equivocadamente como iguais. O que aparece muito também é a estigmatização do que seria a língua não-padrão, que é geralmente associada à noção de erro linguístico.

Conforme Faraco (2007, p.33), a norma-padrão é um construto idealizado, uma codificação taxonômica de formas assumidas como um modelo linguístico ideal e a norma culta ocorre em usos mais monitorados da língua por segmentos sociais urbanos, posicionados na classe média alta.

1.2 Teoria da Variação e Mudança Linguísticas

Em 1966, Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog propuseram um debate em que discutiram ideias sobre a mudança linguística e suas motivações sociais com o intuito de propor um novo conjunto de fundamentos para seu estudo. Para alcançar esse objetivo, consideraram as propostas dos neogramáticos, dos estruturalistas e dos gerativistas no que se referem ao tema. Pouco tempo depois, “Weinreich, Labov e Herzog lançam os fundamentos para uma teoria da variação e mudança, essa teoria veio a ser chamada de Sociolinguística” (COELHO, 2015, p. 58).

A sociolinguística⁴ estuda as situações reais de uso da língua nas comunidades de fala em que o falante está mais preocupado com o que ele vai dizer e não com o como vai dizer e a trata como instituição social. Investiga-se empiricamente a variação e mudança que ocorre nas línguas procurando sempre verificar como uma variante aparece ou desaparece em uma língua. Cezario e Votre (2008, p.143) apontam como função do sociolinguista descobrir em que contextos se dão a variação, se é, por exemplo, entre um mesmo grupo de falantes ou se existem variáveis convencionais que interferem.

Nem tudo é variação, pois existem elementos comuns aos falantes que são estáveis. Mas todos os falantes deveriam ter em mente que cada pessoa fala de uma maneira diferente e que a maneira como Fulano fala não é melhor nem pior do que a do Cicrano. Essas diferenças que a língua apresenta se devem a vários fatores como, por exemplo, classe social, idade, gênero, localidade, entre outros. Essas variações nada impedem a comunicação já que são apenas diferenças e não erros.

São três os tipos de variação: a regional, ou geográfica, que corresponde às diferenças que uma mesma língua apresenta na dimensão espacial, como exemplo podemos citar a variação lexical da palavra mandioca que, em algumas regiões, é chamada de macaxeira e, em outras, de aipim; a variação social, que é aquela que reflete as diferenças sociais dos falantes (principalmente o grau de escolaridade e o nível socioeconômico), por exemplo, as gírias entre os jovens, a linguagem formal entre pessoas de maior prestígio social; e a variação de registro, ou estilística, que é aquela em o falante emprega certo grau de formalidade no tratamento com os outros falantes em determinadas situações, como uma conversa informal com amigos, por exemplo, o registro utilizado será diferente do usado em uma conversa no ambiente de trabalho. As variedades linguísticas regionais e sociais são também chamadas de dialetos (GÖRSKI, ROST, 2008).

A variação pode ser determinada por fatores linguísticos, que se referem à estrutura da língua (fonético-fonológica, morfológica, sintática, lexical e discursiva), e extralinguísticos, que são os que interferem na forma como as pessoas falam, por exemplo, a idade e a escolaridade. As variedades linguísticas também são decorrentes da modalidade falada ou escrita da língua.

⁴ Um estudo pioneiro sob essa perspectiva foi conduzido por Labov, em 1966, considerado desde então precursor dessa corrente teórica devido ao tratamento metodológico aplicado à investigação da língua no contexto social.

Para fomentar os trabalhos no campo da sociolinguística os estudiosos recolhem grande quantidade de dados de diversos falantes, que são gravados em situações de fala em que o informante preste menos atenção ao como para atentar ao que está sendo dito, de modo que haja menos monitoramento e sua fala seja mais representativa do cotidiano de determinado grupo ou comunidade.

A Sociolinguística não dicotomiza a sincronia da diacronia, pois ela pode investigar o uso da língua tanto num momento isolado quanto em vários momentos ao longo do tempo, como quando se compara a fala de jovens com a dos idosos.

Em síntese pode-se dizer que “a Sociolinguística se ocupa da relação entre língua e sociedade e do estudo da estrutura e da mudança linguísticas dentro do contexto social da comunidade da fala” (COELHO, 2015, p.59).

1.3 A interface entre a variação e o ensino

Muitos autores já conduziram estudos na interface da variação e ensino (FARACO, 2007; BORTONI-RICARDO, 2004; BAGNO, 2007; GORSKI; COELHO, 2006; BAGNO, 2007; 2009, entre outros). Esses autores promovem estratégias para transformar a sala de aula não em um lugar de exclusão, mas sim de reflexão sobre a língua.

Cada faixa etária tem uma linguagem própria para se expressar, por exemplo, os jovens utilizam formas que não são iguais a dos adultos e isso não é desigual com as crianças, já que elas também possuem uma linguagem própria para se expressar. Porém, quando chegam à escola, deparam-se com uma nova forma de falar, aquela que é considerada “correta” pela maioria da sociedade. Imediatamente a criança tende a deixar de lado sua bagagem linguística para aderir ao novo padrão, porque a maneira como ela fala não é a forma prestigiada na sociedade. É a partir daí que inicia o preconceito linguístico, na própria instituição que deveria combatê-lo. Bagno (2007) alerta que o preconceito linguístico está ligado à confusão que foi criada, ao longo da história, entre língua e gramática normativa. Frases como “brasileiro não sabe português”⁵ fazem parte do mito que compõe esse tipo de preconceito.

O problema que se planteia na escola é que não se leva em conta a bagagem linguística do aluno, ou seja, o conhecimento que ele já tem sobre a língua. A escola

⁵ O livro “Preconceito linguístico: o que é, como se faz”, de Marcos Bagno é uma leitura de extrema importância para entendermos os mitos a respeito da língua, que compõem o preconceito linguístico.

acaba deixando de lado esse conhecimento e segue a premissa de que ninguém sabe nada sobre a língua, o que é um erro, pois se ninguém soubesse nada não conseguiríamos nos comunicar. O aluno sabe falar sua língua materna, ele só precisa de ajuda para desenvolver essa capacidade. Também compete à escola mostrar ao aluno que existe a diversidade linguística e que por isso existem variedades mais prestigiadas e outras menos.

Segundo Bagno (2007, p.115), há esforço significativo por parte dos linguistas para disseminar uma verdadeira política linguística através dos livros didáticos. Apesar desses esforços, a variação linguística não vem sendo tratada de modo satisfatório no livro didático, pois se faz uma confusão nos usos de termos e conceitos empregados prejudicando dessa forma o que se pensa a respeito da variação e mudança linguística. O que mais aparece é definição de variação linguística apenas como variedade regional. Devido a essa restrição, alguns autores exemplificam a variação com tirinhas do Chico Bento, músicas ou poemas. Todavia esses materiais “não são representações fiéis das variedades linguísticas que eles supostamente veiculam” (BAGNO, 2007, p. 120). O que poderia ser usado, por exemplo, são gravações de áudio e vídeo que representam situações autênticas dos falantes brasileiros, a fim de serem utilizadas em sala de aula.

Bagno (2007) afirma que a maior parte dos livros didáticos é escrita na região Sudeste e Sul, mais precisamente em São Paulo e Paraná, isso faz com que o autor adote a cultura dos grandes centros e represente nos livros o modo de falar dessas cidades (a variedade urbana), colocando como a variação tudo o que não faz parte desse universo, por exemplo, as variedades rurais. E por aí iniciam as discriminações, os que não falam exatamente como está representado no livro, acreditam que o seu modo de falar está errado. Esses preconceitos deveriam ser criticados pelos professores nas escolas e os estereótipos deveriam ser desfeitos para que não sejam reproduzidos na sociedade.

Outro problema que Bagno (2007) destaca no livro de português é que tratam da variação linguística limitando-se apenas às diferenças fonéticas e lexicais, obviamente que devem ser abordadas, porém, não tão somente a elas, há outros níveis como o da variação morfossintática e discursiva que ocorrem com menos frequência, mas não quer dizer que sejam menos importantes.

Deve-se prestar muita atenção ao selecionar os livros, pois de nada adianta adotar um livro que apresenta as variantes de forma bem explicativa se quando chegar às atividades elas apresentarem propostas que neguem a existência e o valor dessas variantes.

Faraco (2007, p.27) expõe que “em uma cultura com um viés arraigado normativista como a nossa, o senso de adequação se vê constantemente perturbado (em especial entre os segmentos altamente escolarizados) por um senso de correção”. A variação é execrada pela perspectiva homogênea da língua, é vista como algo inaceitável. Só é válido e aceitável o que está nas gramáticas, a consequência disso é ouvir as pessoas dizendo que não sabem falar sua própria língua.

Atribui-se ao ensino de português a tarefa de dar aos alunos o acesso a variedades cultas. Pensava-se também que os linguistas são contrários à ideia de ensinar as variedades cultas, porém ninguém jamais afirmou isso. O que acontece é que há muitos equívocos e confusão quando se trata desse conceito.

Os linguistas ao mesmo tempo em que defendem o ensino da variedade culta, também desenvolvem compreensões mais refinadas sobre essa noção, para que numa

[...] “perspectiva pedagógica a discussão não fique somente limitada às variedades cultas em si como apenas um conjunto de certas características lexicogramaticais, mas para que se possa fazer em conjunto com as práticas socioculturais que as justificam e sustentam: aquelas da cultura escrita” (FARACO, 2007, p.29).

1.4 Os PCNs e o estudo da variação e da mudança linguísticas

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) são um conjunto de documentos que objetivam fornecer subsídios para a elaboração do currículo do ensino fundamental e do ensino médio no Brasil, com o intuito de formar a cidadania do aluno.

Os PCNs de língua portuguesa identificam da seguinte maneira a variação linguística da língua portuguesa:

A língua portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. (BRASIL, 1997, p. 21)

A partir dessa citação podemos perceber que se reconhece que há diferentes variedades linguísticas no Brasil e que existe preconceito no que se refere a algumas dessas variedades. Também sabemos que as pessoas conseguem dizer de onde um indivíduo é e também qual o seu nível de escolaridade somente pela forma como fala.

Os documentos deixam claro o problema do preconceito que se observa no Brasil em relação aos dialetos. Coelho (2015, p.136) mostra que essa questão deve ser enfrentada na escola como parte do objetivo de alcançar o respeito à diferença. As reações de preconceito geralmente se realizam em comentários como “você fala errado” ou “você não sabe falar direito”. A fala geralmente é julgada em função da classe social dos indivíduos que dela fazem uso.

Para que os alunos aprendam a respeitar essas diferenças, eles precisam “conhecer o quadro de variação linguística do nosso país, e refletir sobre as regras variáveis da língua e observar também os valores sociais que são atribuídos às variantes, para que entendam a exclusão que fazem devido à variedade linguística”(COELHO, 2015, p.138). Segundo os PCNs, só quando for feita uma comparação entre os usos e as diferentes variedades é que poderá ser ensinada na escola a norma culta de maior prestígio na sociedade.

A proposta que o PCN traz é que a linguagem do aluno seja respeitada, já que quando ele entra na escola já traz consigo um conhecimento sobre a língua mesmo que não seja a forma culta. Observando o contexto que o aluno está imerso, o PCN propõe que seja ofertado um ambiente escolar em que a variação seja respeitada a fim de que o aluno perceba que as formas da língua variam, por isso algumas expressões podemos usar em alguns contextos e em outros não.

A ideia de respeitar a variável linguística do aluno não pretende extinguir o ensino da gramática. É muito importante que ela seja ensinada, pois uma das funções da escola é propiciar o acesso à norma culta sem desrespeitar a identidade cultural do aluno. Dessa forma a escola tem como objetivo cuidar para que não se reproduza a discriminação em seu próprio espaço. Assim, de acordo com o PCN ela não deve tratar da variedade como desvios ou erros.

[...] é importante que o aluno, ao aprender novas formas linguísticas, particularmente a escrita e o padrão de oralidade mais formal orientado pela tradição gramatical, entenda que todas as variedades linguísticas são legítimas e próprias da história e da cultura humana. Para isso, o estudo da variação cumpre papel fundamental na formação da consciência linguística e no desenvolvimento da competência discursiva do aluno, devendo estar sistematicamente presente nas atividades de Língua Portuguesa. (BRASIL, 1988, p. 82)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino médio (PCNEM) também consideram que a língua é um fenômeno que está em constante mudança e, por isso, seu ensino precisa acompanhar esse ritmo. Percebemos isso quando lemos o seguinte trecho:

Na fala, fazemos uso de um conhecimento linguístico internalizado, que independe de aprendizagem escolarizada e que resulta na oralidade. Na escrita, também utilizamos esse conhecimento, mas necessitamos de outros subsídios linguísticos, fornecidos pelo letramento. [...] Por exemplo, na fala ou na escrita é fundamental considerar a situação de produção dos discursos que, afinal, são possibilitados pelo conhecimento gramatical (morfológico, sintático, semântico) de cada pessoa. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2000, p. 60)

1.5 O livro didático de português para o ensino médio

O livro didático é um material de extrema importância dentro da sala de aula, porque, na maioria das escolas brasileiras é o único material de que o aluno tem acesso, já que muitas escolas ainda carecem de uma biblioteca. O livro é tão importante para o aluno quanto para o professor por que constitui uma ferramenta que o auxiliará a ministrar suas aulas, no entanto não é o único material a que o docente deve se ater, afinal, ele nunca estará perfeitamente completo. O docente deve buscar materiais em outras fontes quando faltar no livro informações que sejam de importância ao discente.

A escolha de um livro didático é de suma importância. Porém sempre há uma preocupação na hora da escolha por que, às vezes encontra-se algo bom e, às vezes, nem tanto, por isso para apoiar o professor nessa tarefa, são publicados a cada três anos um Guia do Programa Nacional do Livro Didático, que contém resenhas de cada obra indicada.

O Guia de livros didáticos do Programa Nacional do Livro Didático de 2015 possui dez obras de Língua Portuguesa aprovadas. Cada resenha apresenta uma visão geral do livro, seguido de um quadro esquemático em que são debatidos os pontos fortes, pontos fracos, destaque, programação do ensino e manual do professor. Depois se faz uma descrição rápida da coleção e passa-se à análise da obra. Essa análise consiste em dizer como é abordada a leitura, literatura, produção de textos escritos e conhecimentos linguísticos.

O objetivo da oferta do português no ensino médio é desenvolver as proficiências orais e escritas do aluno, assim como a capacidade de refletir sobre sua língua materna, visando a inserção do mesmo no mundo do trabalho, na vida social e no nível superior. Para alcançar esses objetivos é necessária uma ferramenta que dê subsídios. Essa ferramenta é o livro didático que deve ser cuidadosamente escolhido.

Para essa tarefa o PNLD criou princípios que se referem ao ensino da norma padrão, aos textos trabalhados e à reflexão sobre a língua e linguagem. Esses princípios podem ser considerados como uma proposta de reorganização das concepções e das práticas didáticas de Língua Portuguesa.

Pode-se dizer que a pertinência desses princípios está relacionada à contribuição que podem dar para que a disciplina de Língua Portuguesa no Ensino Médio supere duas tendências tradicionais: de um lado, a preocupação praticamente exclusiva com o prosseguimento nos estudos e, por consequência, com o sucesso no vestibular; de outro, o distanciamento crescente das culturas juvenis e da realidade mais imediata e concreta do aluno, principalmente o de camadas populares. A atenção ao mundo do trabalho, ao exercício da cidadania e, *também*, ao prosseguimento nos estudos, assim como o empenho em considerar o contexto cultural do aluno como *parte indissociável* do trabalho pedagógico, podem abrir para professores e alunos do EM perspectivas e caminhos para um ensino-aprendizagem significativo. (PNLD, 2015, p.13).

Esses princípios servem como filtros, pois os livros que não os estiverem trabalhando adequadamente serão “descartados”, ou melhor, não farão parte do Guia de livros didáticos, afinal esse documento traz somente os que atendem as demandas atuais do ensino da Língua Portuguesa.

2 METODOLOGIA

O corpus desta pesquisa foi constituído pelo volume 1⁶, que corresponde à primeira série do Ensino Médio, da coleção “Língua Portuguesa” das autoras Roberta Hernandez e Vima Lia Martin⁷. A primeira edição da coleção, da Editora Positivo, foi publicada em 2013 e é composta por três volumes impressos para ser utilizada no triênio 2015, 2016 e 2017. Preferimos analisar os livros didáticos de língua portuguesa adotados para o nível médio de uma escola estadual da cidade de Coronel Freitas, Santa Catarina, porque é a única no município que oferece esse nível de ensino.

Quanto aos procedimentos metodológicos, esta pesquisa foi dividida da seguinte maneira: primeiramente, foi efetuada uma pesquisa bibliográfica, sobre os pressupostos

⁶ Por uma restrição de tempo, não foram analisados os volumes 2 e 3 da coleção. Também, por essa razão, não foi investigado o manual do professor.

⁷ Roberta Hernandez é licenciada, bacharel e mestre em Letras. Doutora em Letras (área de concentração em literatura brasileira) pela USP. Há quinze anos é professora de língua portuguesa em escolas de redes pública e particular da cidade de São Paulo. Atualmente, é professora de literatura e coordenadora de língua portuguesa na rede particular de ensino. Vima Lia Martin é bacharel e mestre em Letras. Doutora em Letras (área de concentração em estudos comparados de literaturas de língua portuguesa) pela USP. Por dez anos foi professora de língua portuguesa na educação básica. Atualmente é professora do curso de Letras da USP.

da sociolinguística variacionista e da relação entre variação e ensino, bem como sobre as orientações acerca do ensino de língua portuguesa dos PCNEMs e na resenha da coleção “Língua Portuguesa” do Guia de livros didáticos do PNL D 2015 Ensino Médio; em seguida, foi realizada a análise dos capítulos do volume investigado, desde o sumário até as seções de análise linguística, destacando as noções de língua e gramática, variação e mudança linguística, preconceito linguístico e de “certo” ou “errado”.

3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção levamos a cabo nosso objetivo de investigar os conceitos de língua, gramática, variação e mudança linguísticas que perpassam o volume 1 da coleção. Para isso, inicialmente, apresentamos breve descrição das características gerais do volume investigado no que se refere à estrutura e organização; na sequência, reproduzimos a resenha da coleção “Língua Portuguesa”, aprovada pelo processo avaliatório oficial do PNL D 2015; em seguida, passamos à investigação das noções que perpassam o livro didático de português.

3.1 Breve resumo da coleção

A coleção “Língua Portuguesa” é composta por três volumes. O volume 1 é formado por seis unidades, e os volumes 2 e 3 são constituídos por cinco unidades cada. Essa coleção é utilizada nas três séries do ensino médio.

No volume 1, além das seis unidades, cada uma delas apresenta uma sequência fixa, subdividida em quatro capítulos, totalizando 24 capítulos. Há, em cada unidade, pelo menos, dois capítulos dedicados à literatura e ao estudo dos gêneros literários, e os outros dois, voltam-se ao estudo e à reflexão sobre a língua e à produção de gêneros textuais na seção intitulada “Sobre o gênero”.

Nota-se, no volume 1, prioridade no ensino de literatura, pois são destinados mais capítulos a esse assunto. Talvez a explicação para essa preferência se deva à área de formação e atuação das autoras em literatura brasileira e em estudos comparados de literaturas de língua portuguesa.

A leitura também é intensamente explorada e a produção de textos consta do final de cada unidade. O eixo relativo à prática de análise e reflexão sobre a língua é apresentado nos três volumes. Nesse eixo, são abordadas as situações de uso da língua(gem) e a formação do português brasileiro.

3.2 Resenha da coleção “Língua Portuguesa” no Guia de Livros Didáticos PNLD 2015

O objetivo do Guia de livros didáticos do PNLD 2015 Ensino Médio é o de colaborar com os professores para que promovam uma escolha qualificada dos livros didáticos a serem adotados nas escolas, já que quase sempre é esta a ferramenta a que eles mais recorrem (BRASIL, 2014).

Segundo os pareceristas (BRASIL, 2014), a coleção “Língua Portuguesa” traz os quatro grandes objetos de ensino da língua portuguesa (leitura, produção de textos, oralidade e a prática de análise e reflexão sobre a língua em situações reais de uso) e também comporta a literatura.

Na parte inicial de cada capítulo, são apresentados textos pictóricos ou multimodais e verbais e, a partir disso, são explorados os conhecimentos prévios dos alunos através de atividades com essas imagens.

A prática de análise e reflexão sobre a língua é apresentada em um tópico por unidade e trata de assuntos que se referem à variação linguística, à gramática normativa e à linguística textual. Esse eixo está articulado com o da leitura, já que os textos aparecem como propósito para reflexão sobre o funcionamento interno da língua.

Para trabalhar os conhecimentos linguísticos, parte-se sempre da leitura de um texto seguido de atividades de aplicação. O eixo promove reflexões sobre a norma e o uso e nem todos os tópicos da gramática normativa são tratados. Também ganham espaço as reflexões a respeito da variação linguística, preconceito linguístico, origem e desenvolvimento da língua portuguesa, entre outros.

Os pareceristas fazem a seguinte análise do eixo de conhecimentos linguísticos da coleção:

Apesar de apresentar também uma tendência conteudista prevalente, promovem reflexões importantes sobre a norma e o uso. Além disso, não se assume o compromisso de tratar de todos os tópicos da gramática normativa, acrescentando reflexões sobre outros tópicos relevantes para a compreensão dos fatos linguísticos, como “Língua, cidadania e exclusão” (v.1, p. 50), “Variação linguística” (v. 1, p. 160), “Preconceito linguístico” (v. 1, p. 172), “Origem e desenvolvimento da língua portuguesa” (v.1, p. 298), dentre outros. (BRASIL, 2014, p. 37).

Portanto, as atividades propostas para esse eixo fazem com que se reflita sobre a natureza e o funcionamento da linguagem.

Por fim, os pareceristas observam que o eixo da oralidade é tratado com menor intensidade, “a partir de textos didáticos e da proposição de atividades de produção de

gêneros formais que constituem situações de uso acadêmico da oralidade, como apresentação de trabalhos e seminários” (BRASIL, 2014, p. 35).

3.3 As noções acerca de língua e gramática que perpassam o livro didático de português da coleção “Língua Portuguesa”

Na Unidade 1, no capítulo intitulado “Linguagens e comunicação”, as autoras apresentam as noções de linguagem verbal e não-verbal através de uma pintura e uma notícia de jornal seguidos da explicação a respeito de cada uma. A primeira menção que a coleção faz sobre língua encontra-se na seção “O que é língua?” e apresenta três concepções de língua diferentes, são elas: a língua como representação do pensamento, a língua como instrumento de comunicação e língua como forma de interação entre os indivíduos.

No volume 1, essas concepções são conceituadas da seguinte maneira:

1. Língua como representação do pensamento- Nessa concepção, língua é a tradução do pensamento. Por meio dela, o ser humano exterioriza a representação mental que faz do mundo. Esse conceito de língua desconsidera quaisquer fatores contextuais, situacionais, já que o que está em jogo é a representação do pensamento de um indivíduo. **2. Língua como instrumento de comunicação-** Nessa concepção, a língua é compreendida como código linguístico, ou seja, um conjunto de signos (sons e letras) combinados por meio de determinadas regras de estrutura e convencionados por um grupo social. Para haver comunicação o grupo precisa partilhar o mesmo código. **3. Língua como forma de interação entre os indivíduos-** Nessa concepção, a língua é vista como forma e lugar de interação social, dependente de contextos de uso. Sendo assim, passa-se a compreender que a língua é empregada no dia a dia de varias formas, e não de maneira rígida. Entende-se então, que os indivíduos, quando usam a língua, realizam ações, agem uns sobre os outros- realizam (inter)ações sociais por meio de (inter)ações linguísticas. Nessa concepção mais ampla de língua como forma e lugar de interação entre os indivíduos, está a ideia de que a língua é também em elemento de identidade, fator de ascensão ou de exclusão social. Nessa perspectiva a língua não é vista como algo único, imutável, pronto, acabado. Ela é vista como em constante processo de formação e transformação, considerada como um fenômeno social dinâmico, a serviço dos falantes. (HERNANDES; MARTIN, 2013, p.43).

Podemos perceber que as autoras se posicionam em direção ao terceiro conceito, pelos comentários que fazem ao longo da obra, por exemplo,

[...] os falantes nativos de uma língua aprendem o seu funcionamento desde bem pequenos, por meio do processo de aquisição da linguagem verbal. Sendo assim, todos que falam o português conhecem empiricamente, isto é, baseando-se em sua experiência, a gramática do português. (HERNANDES; MARTIN, 2013, p.43).

As autoras também abordam sobre as modalidades oral e escrita da língua, frisam que são duas modalidades de uso da língua e não modos opostos de se expressar,

e a relação que existe entre a oralidade e a escrita não deve ser vista como uma oposição, mas sim como uma linha contínua que vai de um uso linguístico menos monitorado a um uso mais monitorado. Esses conceitos são exemplificados com algumas situações de comunicação. Na escrita, um dos exemplos utilizado é um artigo de opinião para demonstrar o uso mais monitorado e, para o uso menos monitorado, as autoras trazem como exemplo uma mensagem no celular para um amigo. Na oralidade o exemplo de uso mais monitorado é um debate regrado e o menos monitorado uma conversa com amigos.

Ao tratarem de graus de monitoramento no emprego de uma ou outra modalidade, observa-se que Hernandez e Martin fazem referência à variação estilística, ou variação de registro, que é aquela em o falante emprega certo grau de formalidade no tratamento com os outros falantes em determinadas situações, como uma conversa informal com amigos, por exemplo, o registro utilizado será diferente do usado em uma conversa no ambiente de trabalho.

Também, na sequência, são apresentados, no livro, os conceitos de norma-padrão e norma culta. As autoras definem norma-padrão como conjunto de regras e prescrições da gramática da língua que hoje só sobrevive nas gramáticas normativas. A norma culta, por sua vez, é definida como conjunto formado pelas variedades urbanas de prestígio, as mais valorizadas socialmente, que contêm os usos mais letrados da língua. A concepção de norma culta apresentada no livro didático converge com a de Faraco (2007) que apresentamos neste artigo. A concepção de norma-padrão também se aproxima da concepção que adotamos nesse trabalho.

Os exercícios propostos, no final do capítulo, promovem a interpretação de recursos não verbais, e alguns, extraídos de processos seletivos, como o Enem, são voltados à reflexão sobre os usos da língua, podemos citar nesse último grupo o número 4, o 8, e o 9.

8. (Enem)

Entre ideia e tecnologia

O grande conceito por trás do Museu da Língua é apresentar o idioma como algo vivo e fundamental para o entendimento do que é ser brasileiro. Se nada nos define com clareza, a forma como falamos o português nas mais diversas situações cotidianas é talvez a melhor expressão da brasilidade.

SCARDOVELI, E. Revista *Língua Portuguesa*. São Paulo: Segmento, Ano II, nº 6, 2006.

O texto propõe uma reflexão acerca da língua portuguesa, ressaltando para o leitor a

- a) inauguração do museu e o grande investimento em cultura no país.
- b) importância da língua para a construção da identidade nacional.
- c) afetividade tão comum ao brasileiro, retratada através da língua.
- d) relação entre o idioma e as políticas públicas na área de cultura.
- e) diversidade étnica e linguística existente no território nacional.

9. (Enem)

O “politicamente correto” tem seus exageros, como chamar baixinho de “verticalmente prejudicado”, mas, no fundo, vem de uma louvável preocupação em não ofender os diferentes. É muito mais gentil chamar estrabismo de “idiosincrasia ótica” do que de vesguice.

O linguajar brasileiro está cheio de expressões racistas e preconceituosas que precisam de uma correção, e até as várias denominações para bêbado (pinguço, bebo, pé-de-cana) poderiam ser substituídas por algo como “contumaz etílico”, para lhe poupar os sentimentos. O tratamento verbal dado aos negros é o melhor exemplo da condescendência que passa por tolerância racial no Brasil. Termos como “crioulo”, “negão” etc. são até considerados carinhosos, do tipo de carinho que se dá a inferiores, e, felizmente, cada vez menos ouvidos. “Negro” também não é mais correto. Foi substituído por afrodescendente, por influência dos *afro-americans*, num caso de colonialismo cultural positivo. Está certo. Enquanto o racismo que não quer dizer seu nome continua no Brasil, uma integração real pode começar pela linguagem.

VERÍSSIMO, L. F. Peixe na cama. *Diário de Pernambuco*. 10 jun. 2006 (adaptado).

Ao comparar a linguagem cotidiana utilizada no Brasil e as exigências do comportamento “politicamente correto”, o autor tem a intenção de

- a) criticar o racismo declarado do brasileiro, que convive com a discriminação camuflada em certas expressões linguísticas.

- b) defender o uso de termos que revelam a despreocupação do brasileiro quanto ao preconceito racial, que inexistente no Brasil.
- c) mostrar que os problemas de intolerância racial, no Brasil, já estão superados, o que se evidencia na linguagem cotidiana.
- d) questionar a condenação de certas expressões consideradas “politicamente incorretas”, o que impede os falantes de usarem a linguagem espontaneamente.
- e) sugerir que o país adote, além de uma postura linguística “politicamente correta”, uma política de convivência sem preconceito racial.

Exercícios 8 e 9 (HERNANDES; MARTIN, 2013, p.48)

Ao final da unidade, as autoras apresentam uma proposta de produção do gênero publicitário cartaz. Hernandez e Martin propõem um roteiro de autoavaliação antes de o estudante efetuar a versão definitiva do cartaz. Para isso, elas indicam alguns critérios como:

1. O tema do cartaz fica claro para o leitor?
2. Há no cartaz uma complementariedade entre a imagem e os elementos verbais? [...]
6. A opção foi pelo uso da norma urbana de prestígio ou por outra variedade da língua? Essa opção ficou evidente ou parece acidental? (HERNANDES; MARTIN, 2013, p.48).

Observa-se que critério número 6 provoca no estudante a decisão sobre a variedade da língua que vai ser utilizada. Essa atividade converge com a noção de norma culta que apresentamos em nosso artigo. Porém, quando elas dizem “[...] ou por outra variedade da língua” não fica claro qual seria essa variedade, mas quando elas

falam “essa opção ficou evidente ou parece acidental?” inferimos que essa variedade possa ser uma menos prestigiada que circula entre o grupo dos estudantes.

Na Unidade 2, no capítulo intitulado “Dimensão sonora da língua e convenções da escrita”, Hernandez e Martin apresentam a noção de registro linguístico. Na página 91, há a imagem de uma placa e uma proposta para explicar o uso do termo conforme o registro encontrado nessa placa.

Essa noção de uso da língua converge com o conceito de monitoramento linguístico (apresentado na página 43 do livro didático), no caso da placa é uma situação de escrita menos monitorada. Também converge com o que apresentamos no nosso item 1.1 a respeito da língua não- padrão.

Na página 93 do volume 1, temos o subtítulo “Letras e fonemas” em que as autoras explicam que não devemos confundir o plano sonoro da língua com o plano da escrita e, na página 94, dizem que é possível que haja variações no modo como os fonemas são pronunciados, devido a vários fatores, como a região onde vive o falante. Nesta parte fica evidente a questão da variação linguística. Na mesma página, Hernandez e Martin apresentam como exemplo das diferentes pronúncias de palavras o poema “Vício na fala” de Oswald de Andrade. São enfatizadas as seguintes palavras retiradas do poema “mio; mió; pió; teia; teiado” a partir delas é explicado que “são apresentadas como possibilidades de pronúncia de milho, melhor, pior, telha, telhado”. Elaborada a explicação dessa maneira, as autoras assumem a posição de que existem variedades dialetais e que nem tudo pode ser tratado como erro linguístico.

Essas noções convergem com o que apontamos em nossa seção 1, de que mais aparece é definição de variação linguística apenas como variedade regional. Devido a essa restrição, alguns autores exemplificam a variação com tirinhas do Chico Bento, músicas ou poemas, neste caso o poema “Vício na fala” de Oswald de Andrade. Todavia, esses materiais “não são representações fiéis das variedades linguísticas que eles supostamente veiculam” (BAGNO, 2007, p. 120).

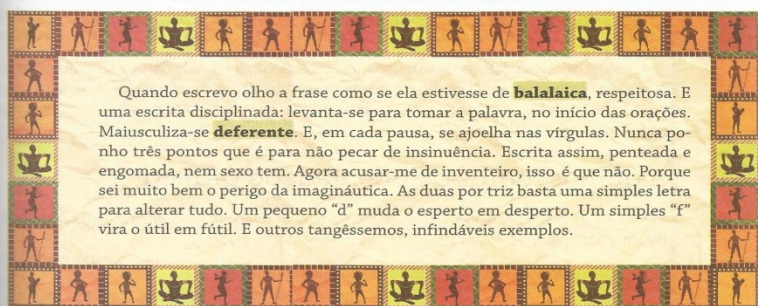
3. Leia a letra da canção transcrita a seguir:

Ai, se sêsse

Se um dia nois se gostasse
Se um dia nois se queresse
Se nois dois se empareasse
Se juntim nois dois vivesse
Se juntim nois dois morasse
Se juntim nois dois drumisse
Se juntim nois dois morresse
Se pro céu nois assubisse
Mas porém acontecesse de São Pedro não abrisse a porta do céu e fosse te dizer qualquer tolice
E se eu arriminasse
E tu cum eu insistisse pra que eu me arresolvesse
E a minha faca puxasse
E o bucho do céu furasse
Taves que nois dois ficasse
Taves que nois dois caisse
E o céu furado arriasse e as virgi toda fugisse.

LUZ, Zé da. Ai, se sêsse. Intérprete: Zé da Luz. In: *Cordel do fogo encantado*. Recife: produção de Nana Vasconcellos, 2001, 1 CD. Disponível em: <<http://vagalume.uol.com.br/cordel-do-fogo-encantado/ai-se-sesse.html>>. Acesso em: 28 ago. 2012.

- Sabendo que a variante normativa da frase "Se um dia nois se gostasse" é "Se um dia nós **nos** gostássemos", justifique a utilização do pronome **se** em vez de **nos**.
 - Elabore uma hipótese para explicar o uso das formas verbais "sêsse", em vez de "fosse" (título), e "queresse", em vez de "quisesse" (2º verso).
 - Identifique três realizações de fonemas (alofones) que indicam um uso regional da língua portuguesa.
4. Leia o fragmento a seguir, retirado de uma crônica do escritor moçambicano Mia Couto.



COUTO, Mia. Excrecências desinventosas. In: _____. *Cronicando*. Lisboa: Caminho, 2003. p. 163. Fragmento.

Nesse trecho, o autor reflete, de maneira irônica, sobre o modo como usa a língua portuguesa escrita: com respeito e disciplina. Por isso, vê como injusta a acusação que lhe fazem de ser "inventeiro", ou seja, inventivo.

- Logo no início do parágrafo, o autor enumera as convenções linguísticas a que ele diz obedecer para deixar a língua "penteada e engomada". Quais são elas?
- No final do fragmento, o autor refere-se especialmente à dimensão sonora da língua portuguesa, apontando mudanças de sentido entre palavras com a inserção de novos fonemas (representados pelas letras **d** e **f**). Quais são essas mudanças?
- Na frase "Porque sei muito bem o perigo da imagináutica." a palavra "imagináutica" é um neologismo criado pelo autor. Considerando o contexto em que a palavra foi inserida, como você explica seu significado?
- Pela leitura do fragmento, é possível considerar o autor "inventeiro"? Justifique sua resposta.

balalaica: camisa de tecido leve, muito usada em Moçambique.
deferente: respeitoso, reverente.

Exercícios 3 e 4 (HERNANDES; MARTIN, 2013, p.96 e 97)

Nas páginas 96 e 97, os exercícios número 3 e 4 promovem reflexões a respeito das variedades dialetais. Essas atividades, além de proporem a reflexão, assumem que a língua varia, pois como vemos na letra "c" a proposta da questão é encontrar três realizações de fonemas (alofones) que indicam um uso regional da língua portuguesa.


Essa atividade converge com a noção de variante e variáveis que apresentamos em nosso artigo.

Na página 97 ainda, Hernandes e Martin explicam algumas convenções da modalidade escrita que foram utilizadas para que a oralidade pudesse ser representada graficamente. O que nos chama a atenção nessa parte é o comentário das autoras: “O objetivo é que você perceba que o conhecimento de algumas regras pode tornar mais fácil a tarefa de escrever de acordo com a variedade de prestígio, mais próxima ao padrão normativo da língua” (HERNANDES; MARTIN, 2013, p.48). Esse comentário nos induz a pensar que só a variedade de prestígio é valorizada na sociedade, que só o padrão normativo é adequado. Essa noção apresentada aqui não converge com o que defendemos, pois partimos do pressuposto de que temos que reconhecer as outras variedades de uso da língua e não só a de prestígio.

Nas páginas 101 e 102, há um subtítulo chamado “Algumas regras de ortografia”. Hernandes e Martin (2013, p.101) tratam de acentuação gráfica das palavras e comentam sobre “as formas consideradas padrão de grafar as palavras”. Essa noção converge com o que elas dizem na página 43, pois nessa página enfatizam que é fundamental estudar a língua em uso e ter o domínio da norma culta.

A atividade número 3 da página 103 converge com o que Hernandes e Martin expõem na página 43 a respeito da modalidade escrita menos monitorada da língua.

3. Observe com atenção o texto da placa e responda às questões propostas.



CAMARGO, José Eduardo Rodrigues; FONTENELLE, André Luís. *O Brasil das placas*. São Paulo: Panda Books, 2007. p. 45.

- Transcreva as palavras que estão grafadas em desacordo com regras de convenção ortográfica e reescreva cada uma delas segundo essas mesmas regras.
- Que hipótese pode ser elaborada para explicar a grafia das palavras “seito” e “entra”?
- Considerando as relações estabelecidas entre fonemas e letras, responda: que hipótese justifica a ocorrência de “sen” e “permissão”?

Exercício 3 (HERNANDES; MARTIN, 2013, p.103)

A placa nesse exercício representa a modalidade menos monitorada.

Nas páginas 106 e 108, as autoras explicam sobre as regras de pontuação, nesse tópico emitem o seguinte comentário “os falantes da língua portuguesa sabem que o uso

da pontuação interfere nos sentidos do texto [...]” isso converge com o que elas postulam na página 43, em que dizem que “os falantes nativos de uma língua aprendem o seu funcionamento desde bem pequenos[...] sendo assim, todos que falam o português conhecem, baseados em sua experiência, a gramática do português.” As atividades apresentadas no fim do capítulo não convergem com as noções explicitadas anteriormente.

Na Unidade 3 do volume 1, há um capítulo intitulado “Variedades linguísticas”. Nessa seção, são tratadas as noções de variação linguística, norma- padrão, normas urbanas de prestígio, gramática e preconceito linguístico.

A noção de norma- padrão que circula no livro didático analisado é a seguinte

norma- padrão é uma idealização, um conjunto de normas e regras gramaticais que devem ser seguidas pelos usuários indistintamente. Ela é um modelo ideal de língua cujas regras encontram-se nos compêndios gramaticais. A norma- padrão não representa o uso real da língua, portanto, ela não admite variação. A variedade considerada de prestígio é aquela usada por falantes urbanos, mais escolarizados e de maior status socioeconômico. (HERNANDES; MARTIN, 2013, p.164)

As noções apresentadas no livro convergem com as noções que adotamos para produzir este artigo, porque também acreditamos que a norma padrão não representa o uso real da língua, é uma idealização e não admite variação. Quanto à variedade de prestígio, também compartilhamos da mesma definição.

3.4 As noções acerca variação e mudança linguísticas que perpassam o livro didático de português da coleção “Língua Portuguesa”

Na Unidade 3 no capítulo intitulado “Variedades linguísticas” são tratadas as noções de variações nacionais e variações regionais. Segundo Hernandez e Martin, as nacionais são os diferentes termos que usamos para nomear a mesma coisa, nos países onde também se fala português. E as regionais são os diferentes termos que usamos para nomear a mesma coisa, nas regiões do mesmo país.

Nesse mesmo capítulo também são tratadas novamente das noções de variedades menos e mais prestigiadas, diferentes níveis da língua (fonética/fonologia, morfologia...) em que se encontram as variedades linguísticas, variedades sociais, registro, variante não padrão e gíria. As variedades menos prestigiadas são as que têm um grau menor de formalidade e as mais prestigiadas são as que têm um grau maior de formalidade. As variedades linguísticas se encontram em diferentes níveis da língua

como no fonético/fonológico em que a pronúncia das palavras varia por inúmeros fatores, por exemplo, o /r/ que é pronunciado de modos distintos em diferentes regiões do país; no nível morfológico que afeta as formas constituintes das palavras, por exemplo, o apagamento do -r final dos verbos no infinitivo (andar e anda); no nível sintático que ocorre uma mudança na organização dos termos na oração; no nível semântico que é quando uma palavra pode apresentar diferentes significados, dependendo de fatores como a região, idade; no nível lexical que é quando duas palavras tem o mesmo significado e são empregadas dependendo da região que o falante se encontra, por exemplo, abóbora e jerimum; no nível estilístico/ pragmático que se refere aos diferentes tipos de interação social relacionados ao grau de formalidade cada uma delas e ao nível de intimidade entre os interlocutores. Considerando esses elementos o falante faz um uso linguístico mais ou menos monitorado.

A noção de registro é outra que aparece no livro, pode ser formal ou informal dependendo da situação. O conceito de norma não padrão também aparece no livro, para defini-lo as autoras utilizam uma tabela com verbos exemplificativa.

COLUNA 1		COLUNA 2		COLUNA 3	
VARIEDADES MENOS PRESTIGIADAS		VARIEDADES MAIS PRESTIGIADAS		NORMA-PADRÃO	
eu	falo	eu	falo	eu	falo
você [tu]	fala	você	fala	tu	falas
ele		ele		ele	fala
a gente [nós]		nós		nós	falamos
eles		vocês		vós	falais
		eles	falam	eles	falam

Tabela 1 (HERNANDES; MARTIN, 2013, p.164)

Além desses conceitos, Hernandez e Martin apresentam a definição de gíria como uma variedade da língua criada por um determinado grupo social com o objetivo de reforçar sua identidade. São termos específicos usados, por exemplo, entre os surfistas, grafiteiros, entre outros.

Os exercícios propostos ao final do tópico convergem com os conceitos que as autoras apresentam, pois nas atividades elas buscam contemplar tudo o que havia sido explicado anteriormente.

Por fim, chama a atenção o fato de não termos localizado, no volume 1, nenhuma noção sobre mudança linguística.

3.5 As noções acerca de preconceito linguístico que perpassam o livro didático de português da coleção “Língua Portuguesa”

Na página 162, ao comentarem sobre as variedades linguísticas, Hernandes e Martin expõem duas frases “1. Cara, tu tá a fim de chega lá na casa do Marcos comigo mais tarde? e 2. Convidamos o Sr. Otacílio a comparecer a um de nossos escritórios nesta cidade a fim de solucionarmos esta pendência o quanto antes.” (HERNANDES; MARTIN, 2013, p.164) Em seguida, fazem o seguinte questionamento: “é possível dizermos que uma delas é certa e a outra errada?” Essas noções convergem com conceitos de certo e errado que tratamos em nosso artigo. A noção de que certo é só o que se refere à norma culta e que errado é tudo o que se refere à norma não padrão é muito circulado entre os leigos, porém sabemos que a língua não funciona dessa maneira. Em seguida as autoras explicam que não se trata de certo ou errado, e que embora sejam construções distintas em relação ao grau de maior ou menor formalidade, são duas frases legítimas do português.

Na página 162, as autoras revelam que a variação linguística sempre gera alguma forma de avaliação social, por que língua e sociedade se inter- relacionam. Por esse motivo, precisamos estar cientes da necessidade de saber fazer a adequação da variedade usada e da situação de comunicação da qual participamos. Essas noções convergem com o que está descrito em nossa seção 1, já que dependendo da variedade que utilizarmos nos situamos em diferentes grupos e comunidades linguísticas.

Na página 172, Hernandes e Martin tratam sobre o preconceito linguístico, dizem que ele ocorre quando uma pessoa é discriminada pelo modo como fala ou escreve, ou seja, pelo uso que faz da língua. Essa noção converge com o que apontamos em nosso trabalho. Já que também assumimos a postura de que o preconceito linguístico é uma forma de discriminar os indivíduos pela linguagem.

Os exercícios apresentados ao final do capítulo que convergem com a noção de preconceito linguístico apresentada pelas autoras são o número 1 e o 4, os outros abordam tópicos como gírias e variedade linguística.

1. Leia com atenção o trecho a seguir e responda à questão proposta.

Como a educação ainda é privilégio de muito pouca gente em nosso país, uma quantidade gigantesca de brasileiros permanece à margem do domínio de uma norma culta. Assim, da mesma forma como existem milhões de brasileiros sem terra, sem escola, sem teto, sem trabalho, sem saúde, também existem milhões de brasileiros sem língua.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 16. Fragmento.

Por que, na perspectiva do linguista Marcos Bagno, existem milhões de brasileiros “sem língua”?

4. Leia o fragmento a seguir e responda às questões propostas.

No fundo, o preconceito linguístico é um preconceito social. É uma discriminação sem fundamento que atinge falantes inferiorizados por alguma razão e por algum fato histórico. Nós o compreenderíamos melhor se nos déssemos conta de que ‘falar bem’ é uma regra da mesma natureza das regras de etiqueta, das regras de comportamento social. Os que dizemos que falam errado são apenas cidadãos que seguem outras regras e que não têm poder para ditar quais são as elegantes

POSSENTI, Sírio. *Preconceito linguístico*. In: *Ciência Hoje*. Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/colunas/palavreado/preconceito-linguistico>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

- Qual é o posicionamento do autor em relação ao preconceito linguístico?
- Quem seriam os “falantes inferiorizados” mencionados pelo autor?
- O autor assemelha o “falar bem” às regras de etiqueta. O que em seu entender é “falar bem”?

Exercícios 1 e 4 (HERNANDES; MARTIN, 2013, p.174 e 178)

4. Considerações Finais

O objetivo deste artigo foi verificar as convergências e as divergências entre as noções acerca de língua, gramática, variação e mudança linguísticas que perpassam o livro didático de português da coleção “Língua Portuguesa”, contribuindo assim, com os estudos já feitos na área da Sociolinguística educacional.

A partir das análises feitas, podemos comprovar que o livro oferece um ensino voltado à gramática de uso, mesclando também algumas noções sobre a gramática normativa. Os exercícios analisados são em sua maioria de caráter reflexivo a respeito da língua, o que convergem com as orientações para o ensino de língua portuguesa dos PCNEMs e com a resenha do guia de livros didáticos de língua portuguesa do ensino médio do PNLD de 2015.

O livro didático apresenta a questão da variação linguística, que não fica restrita a apenas um capítulo. Os conceitos supracitados são abordados de forma clara e bem explicativa no livro didático, basta o professor estar bem preparado para não disseminar

conceitos equivocados a respeito dessas noções que já passaram por muita discriminação. Todavia, não foi localizada, no volume 1, nenhuma noção sobre mudança linguística.

Por isso, é de extrema importância que os cursos de formação e de capacitação de professores possibilitem a eles o acesso à disciplina da Sociolinguística, para que possam ter conhecimento denso a respeito dessa área tão importante da Linguística.

Por fim, vale ressaltar que futuros estudos poderão ser realizados a fim de analisar se a mudança linguística é tratada nos volumes dois e três da coleção que constituiu nosso corpus, já que no volume um essa questão não é mencionada em nenhum momento.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.

BRASIL. Ministério da educação e do Desporto. Secretaria de educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Guia de livros didáticos: PNLD 2015: língua portuguesa: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014.

CEZARO, Maria. VOTRE, Sebastião. **Sociolinguística**. In: MARTELOTTA, Mário. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

COELHO, Izete. L.[et al]. **Para Conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

CORREA, Djane Antonucci. **A relevância social da linguística linguagem, teoria e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

FARACO, Carlos Alberto. [et al]. **A relevância social da linguística: linguagem, teoria e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GORSKI, E. ; FREITAG, R. M. K. . Ensino de Língua Materna. 1. ed. Florianópolis: CCE/UFSC, 2008. v. 1.

GORSKI, E. M. ; ROST SNICHELOTTO, C. A. Introdução aos Estudos Gramaticais. 1. ed. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2008. v. 1. 89p .

Guia de livros didáticos : PNLD 2015 : língua portuguesa : ensino médio. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014.

HERNANDES, Roberta. MARTIN, Vima Lia. **Língua Portuguesa.** Curitiba: Positivo, 2013.

LABOV, William. Padrões sociolinguísticos. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

LABOV, William. Principles of linguistic change: internal factors. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, William. Principles of linguistic change: social factors. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, William. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, Cristina Bratt; TUCKER, G. Richard (eds.). Sociolinguistics: the essential readings. Oxford: Blackwell, 2003. p. 235-250.

LABOV, William. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. In: Sociolinguistic Working Papers, 44,p-43-88, 1978.

LABOV, William; ASH, Sharon; BOBERG, Charles. The atlas of North American English. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.

MARTELOTTA, Mário. **Manual de Linguística.** São Paulo: Contexto, 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio. http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf. Acessado em: 11 de Dez. 2015.

SANTOS, Alexandra. [et al]. **Variação linguística e ensino: uma abordagem sobre os livros didáticos de português.** Cadernos do CNLF, Vol. XV, Nº 5, t. 1. Rio de Janeiro: CEFIL, 2011.

RESUMEN: Este artículo tiene por pretensión verificar las convergencias y divergencias entre las nociones acerca de lengua, gramática, variación y mudanza lingüísticas que pasan el libro didáctico de portugués de la colección “Lengua Portuguesa” y las orientaciones para la enseñanza de lengua portuguesa de los Parámetros Curriculares Nacionales para la enseñanza secundaria (PCNEM) y del guía de libros didácticos de lengua portuguesa de la enseñanza secundaria del Programa Nacional del Libro Didáctico de 2015. Nuestro estudio está fundamentado en los presupuestos teóricos de la interface entre la Sociolingüística Variacionista (LABOV, 2008; 1978; 1994; 2001; 2003; 2010) y la enseñanza de lengua (FARACO, 2007; BORTONI- RICARDO, 2004; GORSKI; COELHO, 2006; BAGNO, 2007; 2009, entre otras). Fueron analizadas las secciones de análisis lingüística propuestas en el volumen 1 de la colección adoptada por los profesores de portugués de nivel secundario de una escuela provincial, localizada en la ciudad de Coronel Freitas, en Santa Catarina. Esta investigación nos permitió percibir de manera consistente las convergencias y divergencias entre las nociones (citadas arriba) del libro didáctico de

lengua portuguesa y de los documentos oficiales, ya que partimos de la hipótesis de que circula en los primeros con grande frecuencia algunas distorsiones del concepto a respecto de la lengua, que no colabora en nada para que podamos construir una democracia lingüística en Brasil.

PALABRAS CLAVE: variación lingüística, portugués, libro didáctico.